

**INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS MORRINHOS**

SARAH MARQUES DE OLIVEIRA

**O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

MORRINHOS2022

SARAH MARQUES DE OLIVEIRA

**O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos.

Orientadora: Profa. Ma. Kênia Bomtempo.

MORRINHOS 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos

O48d Oliveira, Sarah Marques de.

O Desenho na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento da Criança. / Sarah Marques de Oliveira – Morrinhos, GO: IF Goiano, 2022. 54 f.

Orientadora: Ma. Kênia Bomtempo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em Pedagogia, 2022.

I. Educação Infantil. 2. Desenho infantil. 3. Aprendizagem. I. Bomtempo, Kênia. II. Instituto Federal Goiano. III. Título.

CDU 37-053.2

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado) Dissertação | <input type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> (mestrado) Monografia | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input type="checkbox"/> (especialização)TCC | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> (graduação) | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional - Tipo: TCC | |

Nome completo do autor:

Sarah Marques de Oliveira

Matrícula:

2017104221310159

Título do trabalho:

O desenho na Educação Infantil: Contribuições para o Desenvolvimento da Criança

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 05 /09 /2022

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

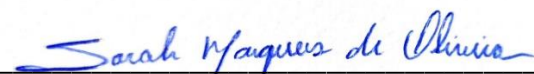
DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Morrinhos
Local

05 /09 /2022
Data



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 54/2022 - CCEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

ATA DA DEFESA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO – TC

No dia 05 de setembro de 2022 , às 8h, via reunião no Google Meet, endereço: , ocorreu a banca de defesa do Trabalho de Curso (TC) intitulado "O Desenho na Educação Infantil: Contribuições para o Desenvolvimento da Criança" da Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia Sarah Marques de Oliveira, desenvolvido sob a orientação do(a) professor(a) Ma. Kênia Bomtempo. A banca de avaliação foi composta pelas professoras Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano e Ma. Lorrane Stéfane Silva.

A média obtida foi 8,6 (oito vírgula seis) pontos, sendo considerado (a) o (a) Acadêmico(a):

- aprovado(a) sem ressalvas.
- aprovado(a) com ressalvas.
- reprovado(a).
- reprovado(a) por não comparecer.

Morrinhos, 05 de setembro de 2022.

(Assinado Eletronicamente)

Kênia Bomtempo

Orientador(a)

(Assinado Eletronicamente)
Sangelita Miranda Franco Mariano

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Lorrane Stéfane Silva

Membro

Observação:

() O(a) estudante não compareceu à defesa do TC.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Lorrane Stefane Silva**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 06/09/2022 20:48:28.
- **Sangelita Miranda Franco Mariano**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 06/09/2022 19:18:43.
- **Kenia Bomtempo de Souza**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 06/09/2022 13:12:58.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 06/09/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 422997
Código de Autenticação: bd363e3b87



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Morrinhos
Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, None, None, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000
(64) 3413-7900

SARAH MARQUES DE OLIVEIRA

**O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
para obtenção de grau de licenciado em
Pedagogia, no Instituto Federal Goiano –
Campus Morrinhos pela banca examinadora
formada por:

Morrinhos, 05 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Kênia Bomtempo

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos

Prof^a. Dr^a. Sangelita M. Franco Mariano

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos

Prof^a. Ma. Lorrane Stéfane da Silva

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos

Dedico este trabalho de conclusão aos meus pais, que sempre me incentivaram aos estudos e me concederam oportunidades para que hoje eu estivesse finalizando mais uma etapa da minha vida. E a toda minha família que acreditaram em meu potencial contribuindo para o meu crescimento e minha aprendizagem.

Agradecimentos

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

A minha professora orientadora, que durante o tempo de desenvolvimento acompanhou dando o auxílio necessário para a elaboração do projeto, pelo suporte e pelas correções e incentivos.

A banca examinadora na qual se dispuseram a ler e avaliar meu texto fazendo críticas construtivas de grande ajudar em meu crescimento.

Aos professores do curso de Pedagogia que por meio dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho.

Aos meus familiares e amigos que me incentivaram a cada momento e não permitiram que eu desistisse.

Agradeço a todos em minha vida que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

E acima de tudo a Deus, que sempre me conduziu a ter sabedoria e paciência nas horas de desespero e que me concedeu saúde e força para superar as dificuldades.

A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas,
como se sente que são.

Fernando Pessoa

RESUMO

Tendo em vista que a produção do desenho está presente na vida de toda criança e inserida na educação infantil, e é por ele que ela expressa seus sentimentos, emoções, imagina, brinca e se desenvolve, este trabalho tem como objetivo analisar em que medida o desenho infantil colabora para o desenvolvimento e aprendizagem da criança no período da educação infantil, fazendo assim um breve relato histórico da concepção de infância e criança, o desenho como linguagem e uma reflexão da contribuição do desenho para o desenvolvimento da criança. Foi feita uma pesquisa de caráter bibliográfico analisando diversas fontes bibliográficas como: livros físicos, publicações periódicas, artigos acadêmicos, encontrados em bases de dados como: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Academia, Portal de Periódicos da Capes e o BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) acerca do problema de pesquisa. Diante disso, verifica-se que o desenho infantil é extremamente importante para que a criança expresse seus sentimentos, dotados de significados, representando sua visão única de mundo e que a escola e o professor é um importante mediador para que ocorra o desenvolvimento motor, sensorial, psicológico, simbólico e a aprendizagem através da imaginação e conhecimento do mundo e é dever o professor insetivar a criança de diversas formas para que ocorra a aprendizagem. Para este trabalho, escolheu-se teóricos como Iavalberg (2013), Pillar (1996), Derdyk (1994), Lowenfeld (1976), Luquet (1969) entre outros.

Palavras-chave: Educação Infantil; Desenho infantil; Desenvolvimento; Aprendizagem.

ABSTRACT

Considering that the production of drawing is present in the life of every child and inserted in early childhood education, and it is through him that she expresses her feelings, emotions, imagines, plays and develops, this work aims to analyze the extent to which the children's drawing contributes to the development and learning of children in the period of early childhood education, thus making a brief historical account of the conception of childhood and child, drawing as a language and a reflection of the contribution of drawing to the development of the child. A bibliographic research was carried out analyzing several bibliographic sources such as: physical books, periodicals, academic articles, found in databases such as: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Academia, Capes Periodicals Portal and BDTD (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations) about the research problem. In view of this, it appears that children's drawing is extremely important for the child to express their feelings, endowed with meanings, representing their unique view of the world and that the school and the teacher are an important mediator for motor, sensory development to occur. , psychological, symbolic and learning through imagination and knowledge of the world and it is the teacher's duty to introduce the child in different ways so that learning can occur. For this work, theorists such as Iavalberg (2013), Pillar (1996), Derdyk (1994), Lowenfeld (1976), Luquet (1969) among others were chosen.

Keywords: Early Childhood Education; Childish drawing; Development; Learning.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	1
2 EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS LINGUAGENS	6
2.1 A Educação Infantil no Brasil: breve histórico.....	6
2.2 O Desenho como Forma de Linguagem	15
2.2 A criança se comunica por meio do desenho	19
3 AS IMPLICAÇÕES DO DESENHO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1 Dos riscos, rabiscos, garatujas até o desenho	24
3.2 As fases de desenvolvimento do desenho na criança	28
3.3 A importância do desenho para a aprendizagem	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5 REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Quando criança nunca pensei em ser professora, brincar de escolinha era o que menos gostava, mas com o passar dos anos e meu amadurecimento fui mudando de ideia e vendo o “ser professora” com outros olhos. Cresci na cidade de Morrinhos – GO, onde tive uma ótima infância, não faltava amigos e brincadeiras e meus pais sempre deram para minha irmã e eu muito amor e carinho. Não nos faltava incentivo para os estudos, pois assim como os ensinamentos dos meus avós, eles nos falavam que o conhecimento nunca é demais.

Cresci com muitos livros ao meu redor, meus pais sempre nos davam livros de literatura infantil, papel, lápis, tintas, pincéis e sempre deixavam que nossa criatividade viesse à tona, mas diferente da minha irmã eu sempre gostei da arte, desenhava nos meus livros, nos livros dos meus pais e em todo lugar que podia ser desenhado, sempre fascinada por tudo que era ligado à arte. Já quis ser Design de Moda, Design Gráfico, Pintora, Diretora de Cinema, Animadora, tantas coisas, e jamais pude imaginar na infância que viria a ser professora.

Aos 4 anos comecei a “estudar” na Educação Infantil na Escola Bem Me Quer, lugar em que passei minha infância e pude fazer amigos para a vida toda. Era estudiosa, na medida do possível, às vezes não conseguia aprender tão bem as atividades relacionadas à Matemática, mas minha matéria preferida era a arte. Isso se estendeu para o Ensino Fundamental II quando mudei para o Colégio Senador Hermenegildo de Moraes, onde tinha os mesmos problemas no que diz respeito à Matemática, mas eu conseguia mesmo de forma mediana ser aprovada na referida disciplina, mas a arte continuava ali quando passamos por uma fase em que estamos construindo nossa própria identidade, e o desenho que ajudou muito a me expressar.

O Ensino Médio cursei em duas escolas, uma particular, o Colégio Dinâmico, e a outra, pública o Colégio Estadual Sylvio de Mello. Após o final dessa etapa de minha escolarização, tinha chegado a hora de escolher o caminho que eu queria seguir, mas ainda não sabia qual curso de Graduação queria fazer, mas de uma coisa eu tinha certeza, que a arte continuaria em minha vida eu sabia que ela já fazia parte de mim.

No início do Ensino Médio, comecei a trabalhar na escola Bem Me Quer, mesma escola na qual cursei a Educação Infantil e a primeira fase do Ensino Fundamental, lá eu trabalhava como auxiliar de turma, mas estava sempre envolvida em atividades artísticas, apresentações de datas comemorativas, às vezes ministrava as aulas de Artes e substituí

alguns professores. Trabalhei nessa instituição mesmo após a finalização do Ensino Médio, e esse contato com a educação contribuiu com as minhas escolhas futuras, pois mostrou que ser professora poderia ser diferente do que pensava, comecei a perceber o quanto era prazeroso construir o conhecimento junto com as crianças.

Se passaram dois anos desde que terminei o Ensino Médio, não conseguia decidir por qual curso de Graduação cursar e parece que a minha motivação para os estudos estava se esvaindo, até que por escolha dos meus pais me mudei para a cidade de Goiânia-GO, para fazer um cursinho pré vestibular, nunca pensei que seria uma mudança tão drástica, mas deu certo, passei a olhar os estudos com outros olhos, a dedicar integralmente e com toda certeza meu conhecimento aumentou. Voltei e ainda demorei um pouco a decidir, pelo curso superior, mas eu sempre ouvia, que deveria ser professor por que sempre tive jeito, foi então que decidi arriscar e prestar vestibular para o curso de Pedagogia no IF Goiano em Morrinhos.

Ingressei no curso de Pedagogia com a certeza que eu até poderia ser professora, mas que não deixaria a arte de lado. No curso fui dedicando cada vez mais, em projetos de pesquisas, extensão, ensino, podendo participar de congressos, cursos, apresentações de trabalho, sempre quis participar de tudo que era possível para aproveitar meu período acadêmico, e de alguma forma a arte estava presente nessas atividades. Ao cursar as disciplinas “Arte e Educação” vi o quanto a arte estava ligada à educação e a criança, percebendo a sua importância não só para desenvolver a criatividade, mas outras questões. Para Martins, Picosque e Guerra (1988, p.13) [...] a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”.

Foi assim que cheguei até aqui, na escolha do tema para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, qual seja “O Desenho no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil”. O presente trabalho trata-se de uma pesquisa que busca mostrar, por meio da pesquisa bibliográfica, que o desenho contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social, psicomotor e simbólico de crianças de 0 a 5 anos. Etapa esta da Educação Básica em que a criança deve se desenvolver, socializar e aprender a se comunicar por meio de diferentes linguagens.

O desenho, é uma linguagem gráfica que faz parte da humanidade desde a pré-história, sendo e uma das primeiras formas de comunicação, por exemplo, temos a arte

rupestre, em que desenhos eram feitos nas paredes das nas cavernas, demonstravam a caça, as lutas e rituais religiosos dos povos do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.). Os rabiscos feitos pelas crianças durante as aulas, são muitas vezes, são tidos pelos professores como uma simples atividade para se desenvolver a coordenação motora, movimento da criança. Mas o desenho, principalmente na infância, se torna uma das linguagens importante, pois estes ganham complexidade a partir do desenvolvimento da criança que de início começa a desenhar as chamadas garatujas, que são um desenho ainda desordenado e que depois passam pelo processo de esquematização até começar a ter traços do real, chegando ao desenho realista, retratando o que a criança vê e sente. Acompanhando a criança em seu crescimento, físico, cognitivo, psicológico, dentre outros. Nesse sentido, Derdyk (1994), afirma que é, por meio do desenho que o homem se apropria das coisas ao seu redor e do mundo, atribuindo-lhes significados.

É na Educação Infantil que surgem as várias possibilidades que as crianças têm de se manifestarem por diversas formas de linguagem sendo a gráfica uma das principais atividades que contribuem para desenvolvimento e a aprendizagem infantil de forma a promover o desenvolvimento do conhecimento científico e de outras competências na criança.

O desenho não é apenas rabiscos (garatujas), sem sentido em um pedaço de papel, no qual é usado apenas as mãos para fazê-lo, antes disso ele é pensado e construído na memória da criança, assim que ela começa a relacionar seus pensamentos, sua visão do mundo, com a ação criadora, e esse ato criativo está presente de inúmeras formas no dia a dia de uma criança, se não for pelo desenho, por uma pintura, uma expressão corporal pois elas têm o desejo de representar aquilo que está em sua volta.

Vigotski (2009), afirma que o desenho é uma atividade especificamente humana e intrinsecamente relacionada à apropriação da cultura, é preciso compreender que essa apropriação implica em uma participação ativa da criança na cultura, desenvolvendo ela mesma os modos de ver o mundo à sua volta por meio da fala, do sentir e do relacionar-se com os outros. Ninguém cria do nada, tudo que se cria é vivência na cultura e na história. É na base do trabalho e no que já foi historicamente produzido que se cria e produz o novo (FRANCIOLI; STEINHEUSER, 2020).

Ao se expressar por meio do desenho a criança começa não apenas se movimentar por meio, do uso das mãos, mas ao fazer essa ligação com o mundo, ao pensar no que vai desenhar, ao expressar seus sentimentos diversos no papel e a exercendo sua função

simbólica a linguagem gráfica deixa de ser pensada em apenas uma atividade de passatempo para as crianças para se tornar um elemento de grande importância no desenvolvimento infantil.

A partir do exposto, apresenta-se a problemática de pesquisa: Como o desenho contribui para o desenvolvimento da Educação Infantil? O objetivo geral da pesquisa é analisar em que medida o desenho infantil contribui para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Os objetivos específicos delimitado para esse trabalho são: compreender os conceitos de educação infantil, concepção de infância, criança e a sua relação histórica; especificar o desenho como forma de linguagem; refletir sobre as contribuições do desenho para a aprendizagem e no desenvolvimento da criança na educação infantil.

Como proposta metodológica utilizada nesta pesquisa, partimos de uma abordagem exploratória bibliográfica, analisando diversas fontes bibliográficas como: livros físicos, publicações periódicas, artigos acadêmicos, encontrados em bases de dados como: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Academia, Portal de Periódicos da Capes e o BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) acerca do problema de pesquisa servindo de apoio para o desdobramento desse trabalho em que podemos apresentar a relação do desenho com o desenvolvimento da criança.

A pesquisa bibliográfica permite que o pesquisador faça uma revisão do tema apontado, analisando-o de forma mais ampla e possibilitando a reunião de materiais diversos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (GIL, 2008, p. 45).

O presente estudo terá como fundamentação teórica autores que contribuem para analisar o grafismo infantil e sua contribuição no desenvolvimento e aprendizagem da criança por meio do desenho (LUQUET, 1969; LOWENFELD, 1976; DERDYK, 1989;). O trabalho se organiza em três seções. A primeira seção é a Introdução, na qual apresenta a motivação acadêmica e pessoal da autora desse trabalho, questões norteadoras e objetivos. Já a segunda seção intitulada “Educação Infantil e suas Linguagens”, onde será abordada

a relação entre o desenho e a linguagem gráfica, contextualizando a infância e a Educação Infantil, a conceituação do desenho quanto linguagem e como a criança se expressa por meio do desenho enquanto linguagem. Discutiremos as diferentes linguagens que se dão na infância e a relação do desenho na Educação Infantil, citando o olhar de diversos autores que estudaram como o desenho se dá nas fases do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Na terceira seção intitulada “As Implicações do desenho na Aprendizagem e no Desenvolvimento da Criança na educação infantil”, discorreremos sobre o uso do desenho pelas crianças para representar mundo e o interpretar de forma a compreender como ele se desenvolve e promove aprendizagem. E por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS LINGUAGENS

Nesta seção vamos discorrer sobre os aspectos relacionados ao histórico da Educação Infantil no Brasil, passando pela concepção de criança, para em seguida discutir o desenho como uma forma de linguagem que tem a contribuir com o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos na Educação Infantil. Mediante o estudo sobre o desenho enquanto forma de linguagem, apresentaremos por fim, como a criança fala por meio do desenho.

2.1 A Educação Infantil no Brasil: breve histórico

Nem sempre houve essa visão da infância na qual se tem hoje, respeitando suas singularidades e características. Sua concepção foi e ainda é construída durante os séculos, ao longo da história as crianças já foram conceituadas de várias formas, em um debate de diferentes concepções presentes nas culturas, etnias, classes sociais entre outros aspectos. Na Idade Média, em meados do século XVIII, a criança pouco era vista e mal aparecia nos registros históricos, sendo reconhecida como um adulto em miniatura:

[...] o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1981, p.156).

Segundo Sarmiento (2004) o surgimento das escolas na era moderna colaborou para a construção de um novo conceito de criança, deixando de ser um adulto em miniatura a partir da instituição das creches e escolas públicas separando assim o mundo adulto do mundo das crianças. Começava então formas diferentes de se olhar as crianças e a infância, as crianças aos poucos foram sendo representadas nas pinturas de artistas famosos e sendo notadas, começando a aparecer suas vozes, suas ações, seu modo de pensar e ela como sujeito único, assim o conceito de criança passou a ser discutido e atualizado constantemente:

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou. É continuamente atualizado na prática social, nas interações entre crianças e nas interações entre crianças e adultos (SARMENTO. 2004).

A criança é um sujeito histórico, cultural e social que se transforma ao longo dos anos a partir das realidades sociais em que está imersa. A criança brinca, cria, recria e se comunica de diversas formas e é assim que surge a discussão sobre as múltiplas linguagens a partir da criança como quem produz sua própria cultura.

O conceito de infância, enquanto fase da vida do ser humano, não tem mais de dois séculos de existência, como demonstrou Ariès (1981). Sua concepção foi sendo elaborada de maneira articulada a toda uma conjuntura, que esboçou a chamada época moderna, assim o conceito de infância foi se modificando junto ao surgimento e à consolidação dos modos de produção capitalista.

Ao longo dos séculos a criança foi vista de várias formas, ou seja, a infância passou por concepções diferentes até chegar a da atualidade, em que a criança passa a possuir seus direitos resguardados por leis. A Educação Infantil por consequente, veio tomando forma com o avanço das concepções de infância e criança. Essa etapa da Educação Básica no início era vista apenas como forma de assistência às mães e famílias que não tinham com quem deixar seus filhos, e eram preparados para o mercado de trabalho, surgindo a pré-escola apenas para aqueles mais abastados, mas em meados do século XIX, pesquisadores e educadores começaram discussões para que a educação como forma de desenvolvimento chegasse a todas as crianças sem formas discriminatórias.

As famílias menos abastadas, não tinham condições de criarem seus filhos e precisavam trabalhar deixando-as em Casa de Misericórdias, também chamadas de Rodas dos Expostos¹, em sua função era acolher as crianças para evitar o abandono e o infanticídio, as crianças ficavam sob cuidados de instituições de caridade, principalmente religiosas, e a partir delas que surgiram as primeiras creches e jardins de infâncias, como eram chamados principalmente para a burguesia. A mãe ao ter que trabalhar nas indústrias, fora do lar precisava deixar a criança em algum lugar, em que recorria a essas instituições.

¹ Segundo MARCÍLIO (2016) a roda dos expostos, que teve origem na Itália durante a Idade Média, apareceu a partir do trabalho de uma Irmandade de Caridade e da preocupação com o grande número de bebês encontrados mortos. Tal Irmandade organizou em um hospital em Roma um sistema de proteção à criança exposta ou abandonada. As primeiras iniciativas de atendimento à criança abandonada no Brasil se deram, seguindo a tradição portuguesa, instalando-se a roda dos expostos nas Santas Casas de Misericórdia. Em princípio três: Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738), Recife (1789) e ainda em São Paulo (1825), já no início do império. Outras rodas menores foram surgindo em outras cidades após este período.

De acordo com Oliveira (2005) historicamente as primeiras instituições de ensino infantil foram criadas em 1908 em Belo Horizonte, e em 1909 no Rio de Janeiro, mas na década de 20 e 30 surgiram novas escolas de Educação Infantil, que tinha como finalidade cuidar dos filhos pequenos para que suas mães pudessem trabalhar, que até então a educação era total responsabilidade da família, girando principalmente em torno da figura materna. Essa nova configuração social surgiu em decorrência “do aumento da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estruturas das famílias” (FERRONATTO, 2006, p. 27)

As escolas de Educação Infantil, criadas a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, em meio a Revolução Industrial, contando com o avanço das indústrias, um período de grande desenvolvimento tecnológicos, levou mudança para todo mundo e assim surgiram as primeiras Instituições pré-escolares que tinha como função o assistencialismo, no qual as instituições tinham o intuito de auxiliar as mulheres que precisavam trabalhar e não tinha com quem deixar seus filhos.

Oliveira (2005) explana que o projeto adotado na época tomava a criança como um indivíduo carente, que sofria de privações culturais e era função da escola sanar essas faltas que supostamente havia. Os atendimentos se baseavam na concepção assistencialista de educação e ensino, as quais Kuhlmann Júnior (2000) se refere como pedagogia da submissão, uma vez que não se pretendiam diminuir as desigualdades existentes entre as camadas sociais, mas fazer com que famílias desprovidas financeiramente aceitassem a exploração social sem questionamentos.

Como exposto e por Ferronato (2006) as abordagens adotadas em instituições de Educação Infantil objetivavam o combate à pobreza e solucionar problemas relacionados à sobrevivência da criança pequena, servindo como justificativa para a baixa qualidade do atendimento, porquanto os investimentos recebidos eram poucos e de valores insuficientes para manter boas instalações, além da escassez de recursos materiais, formação acadêmica irregular dos profissionais que atuavam nesses lugares e o alto índice de alunos por professor.

O que se pode perceber é que existiram para justificar o surgimento das escolas infantis uma série de ideias sobre o que constituía uma “natureza infantil” que, de certa forma, traçava o destino social das crianças (o que elas viriam a se tornar) e justificava a intervenção dos governos e da filantropia para transformar as crianças (especialmente as dos meios pobres) em sujeitos úteis, numa sociedade desejada, que era definida por poucos (CRAIDY; KAERCHER; BUJES, 2001, p.

Apesar de terem uma visão assistencialista, o século XIX deu início as ideias de Educação Infantil com um pensamento pedagógico enfatizando a importância da educação das crianças. Começou-se a ver uma movimentação e fortalecimento de ideias em prol da Educação Infantil, que rebatia o que até então era o processo escolar básico. A partir daí vários autores, professores, críticos educacionais, profissionais da educação que trabalharam para um sistema de ensino diferente do que estava sendo implantado.

No Brasil o processo que deu a origem da Educação Infantil não foi tão diferente dos demais países da Europa Ocidental a partir da metade do século XIX. Após a abolição da escravidão houve um processo de migração dos trabalhadores do meio rural para as grandes cidades e assim foram se criando espaços institucionalizados para que as mães deixassem seus filhos para poderem trabalhar.

Com a expansão da economia brasileira e cada vez mais a mulher ganhando espaço no mercado de trabalho houve mobilizações sociais no final da década de 70 e 80, sendo eles organizados por mães, movimentos de bairros, sindicatos das grandes cidades e grupos de profissionais e especialistas da educação, todos com a finalidade lutar e reivindicar mais vagas em instituições de ensino assegurando o direito de atendimento da criança e do adolescente, se necessário à ampliação do número de vagas e até mesmo a construção de novos prédios para agregar toda a demanda de alunos (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGER, 2006).

Segundo Bach e Peranzoni (2014) surgiram iniciativas isoladas, principalmente de grupos assistencialistas para garantir uma proteção da infância, pois nesse período havia uma alta taxa de mortalidade de crianças e a solução a ser tomada seria a criação de creches para crianças de famílias pobres. Em meio a essa criação surgiram duas vertentes da Educação Infantil no Brasil, de um lado o jardim de infância, que defendia a Educação Infantil como forma de desenvolver a criança em seus mais diversos aspectos: físico, social, afetivo e cognitivo. De outro lado o assistencialismo com as creches, que diferente do jardim de infância, se preocupa com a mera guarda das crianças, cuidado, higiene, comportamento social e alimentação, “educando” para se social.

Nesse momento a educação não se preocupava em preparar para um futuro intelectual, sua maior preocupação com as classes pobres era torná-las pessoas fortes, conviverem em sociedade e assim viver sobre a demanda daquelas de classes mais altas para o desenvolvimento do país (FRANCISCO, 2015). Até mesmo a nomenclatura “crianças” era vista de forma diferente, esse termo era utilizado para aqueles de classe média ou alta, brancos que seriam prósperos em seu futuro, já o termo “menor” era para os pobres, negros, de família desestruturadas vistos como um risco para a sociedade marginalizando-os (FRANCISCO, 2015).

Kramer (1995) divide o histórico do atendimento à infância no Brasil em períodos. Segundo a autora de 1500 até 1874, foram poucas as ações realmente realizadas; de 1874 a 1899 foram elaborados muitos projetos de grupos particulares como médicos, mas pouca realização efetiva; de 1899 a 1930, são fundadas instituições e leis são promulgadas quanto à regulamentação do atendimento à infância; e, finalmente de 1930 até 1980 mudanças na sociedade brasileira que provocam um novo olhar sobre a infância, época esta que tem como marco a criação da Constituição Federal em 1988 e mais tarde o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990.

Se fez presente na Constituição Federal de 1988, o art. 205 que salienta que educação é direito de todos, o Estado e a família em ação conjunta com diversos setores sociais têm por obrigatoriedade promover o desenvolvimento do indivíduo, instrumentalizando-o para o exercício da cidadania e dando a ele qualificação para inserir-se no mercado de trabalho. O art. 206. Que determina que o ensino será ministrado com base na igualdade de condições para o acesso e permanência na escola de todos (BRASIL, 1988).

O art. 227, ainda determina que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade entre outros direitos acerca da criança e do adolescente. Foi a partir deste artigo, que temos a promulgação do ECA. Por fim, o art. 208, no inciso IV o atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos¹ de idade ficará como responsabilidade do Estado.

Mesmo, com essa descrição na Constituição Federal, Oliveira (2005) aponta que apesar de ser uma medida assegurada por lei, o acesso à Educação Infantil e sua permanência

² L13306. LEI Nº 13.306, DE 4 DE JULHO DE 2016. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, a fim de fixar em cinco anos a idade máxima para o atendimento na educação infantil. (BRASIL, 2016)

ainda estava em segundo plano dentro dos projetos de políticas públicas entretanto na década de 90 com a criação ECA permitiu-se a consolidação dos direitos das crianças adquiridos por meio da Constituição.

Em 20 de dezembro de 1996 temos a promulgação da Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, baseando-se nos princípios norteadores da Constituição de 88, declarando no Título II, Seção II, Art. 29 a finalidade da Educação Infantil:

A Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 12).

A LDB (9394/96), assegura o direito à educação de toda a população, parte do princípio de que a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade devendo ser oferecidos em creches para as crianças de 0 a 3 anos e a pré-escolas para crianças de 4 a 5 anos e 11 meses. Ou seja, a Educação Infantil passa a ser considerada como uma das etapas da Educação Básica (que incluem, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio) , tornando-se parte do sistema regular de ensino.

Os principais aspectos que envolvem a criação das bases curriculares para promover o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças de 0 a 5 anos tomam como embasamento os conceitos de educar, aprender por meio da brincadeira e o cuidar, esse adquiriu novos princípios mais abrangentes, como, “proteção, saúde, alimentação,[...] afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta” (BRASIL, 1998, p. 17), excluindo a visão assistencialista que tinha acerca do cuidar, que somente zelava pela alimentação adequada e boas condições de sobrevivência da criança pequena.

O educar está associado às vivências e aprendizagens que o aluno tem acesso, possibilitando o desenvolvimento das capacidades de relacionar-se e conviver com outras pessoas, aceitando e admitindo as diferenças e singularidades de cada um, favorecendo as crianças aprendizagens de conhecimentos mais complexos e diversificados, voltados para a prática social e cultural das mesmas. Nesse processo educacional se estimula o desenvolvimento das capacidades cognitivas, o domínio das habilidades corporais (como por exemplo, a tomada de sua consciência corporal; lateralidade, ambas são elementos da psicomotricidade), afetivas, éticas e morais, emocionais, objetivando a formação de crianças autônomas, criativas e felizes (BRASIL, 1998).

Para orientar o trabalho realizado com as crianças da Educação Infantil, foi criado em 1998 o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) com o objetivo de auxiliar os professores nessa etapa direcionando os conteúdos programáticos para cada fase da Educação Infantil. O documento foi dividido em dois campos de experiência: "Formação Pessoal e Social" e "Conhecimento do Mundo", que se divide em eixos como: movimento, identidade, autonomia artes visuais, música, sociedade, linguagem oral e escrita, entre outros eixos, e todos eles trabalhados com estímulos de outras pessoas como os professores e as escolas e o documento ditava o que deveria ser ensinado na Educação Básica:

Considerando a fase transitória pela qual passam creches e pré-escolas na busca por uma ação integrada que incorpore às atividades educativas os cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras, o Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 15).

A partir daí a Educação Infantil passou a ser vista não somente como um momento em que a criança recebe cuidados, mas um momento em buscar a promoção do desenvolvimento. Com a garantia do direito ao desenvolvimento das crianças em igualdade de condições para acesso e permanência na escola, a partir das leis citadas, observamos que uma nova questão surge, qual seja, o número de vagas, que acaba sendo insuficiente para atender a todas as crianças. Nesse tocante, o Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado para o decênio 2001/2011 pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, tinha como meta atender 50% das crianças de zero a três anos e 80% das crianças entre quatro e cinco anos até 2011.

Segundo Silva e Strang (2020) essa meta não foi atingida, como comprova, de forma que o texto do PNE aprovado para o decênio 2014/2024 (Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014), que entrou em vigor com atraso de mais de três anos, contendo exatamente a mesma disposição de atender 50% das crianças com até três anos de idade, prorrogada até 2016, o que certamente não foi atingido, como se deduz pela situação deficitária que afeta toda a estrutura da Educação Infantil no nosso país.

Então, observamos que para além da garantia do direito a essa etapa da educação as crianças são preciso que os governos invistam na construção de creches e pré-escolas,

além da formação de profissionais para atuarem nessa etapa da Educação, Corroborando Silva e Strang (2020), afirmam que faltam escolas, faltam recursos para contratação, faltam professores, o que, não raro, faz boa parte deles exceder sua jornada normal de trabalho, gerando um custo adicional de horas extras. Há também dificuldades quanto à estrutura física de muitas escolas públicas, e se torna mais difícil enfrentar o problema namedida em que não se apresentam soluções eficazes diante desse quadro. Destacamos queeste não é foco principal deste trabalho, mas citar a questão das vagas e também olhar para o processo histórico da construção de concepção de infância do Brasil.

Vivemos nos últimos anos a implementação de um novo documento curricular obrigatório para todas as etapas da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2017), sua criação teria o intuito de reforçar a concepção de criança como protagonista,então em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada de forma a criar um currículo que seja comum as instituições de Educação (BRASIL, 2017). A partirdaí os currículos escolares vêm sendo atualizados exigidos pelo MEC, para garantir que as escolas de educação básica, tanto privada como públicas padronizam sua aprendizagem e que ela tenha o essencial para cada etapa da educação.

A BNCC se divide em cinco campos de experiências , quais sejam, O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala,pensamento e imaginação e Espaço, tempo, quantidade, relações e transformações,baseados nos direitos de desenvolvimento e aprendizagem da Educação Infantil que são: conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer-se:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BRASIL,2017, p. 39).

Para a educação infantil a BNCC afirma haver a “necessidade de operacionalizaras diretrizes curriculares, isto é, construir uma orientação a partir da qual os professores pudessem desenvolver suas práticas, respeitando as diversas dimensões da infância e dos direitos das crianças” (CAMPOS; BARBOSA, 2016, p. 353).

No campo de experiência relacionado as arte o documento propõe materiais e

espaços diferentes para que a criança possa se expressar de maneira que ocorra a aprendizagem, contudo em muitas escolas públicas do país não tem material, espaços adequados nem capacitação de professores para que ocorra tal implementação das atividades artísticas diferentes das escolas privadas tendo assim uma discrepância no sistema de educação que não dependerá so da Base Nacional Comum Curricular para padronizar a educação de qualidade no país.

Podemos observar ao longo das discussões tecidas nessa seção que a concepção de infância se modificou ao longo do tempo, passando de um adulto em miniatura para um sujeito de direito à Educação, mas principalmente ao aprendizado, de forma que esse ocorra de diferentes formas, sendo uma delas o uso de desenhos, tema este que será discutido nas próximas páginas. E assim, observamos que a Educação Infantil no Brasil passou por diferentes momentos, indo de uma total falta de preocupação com o processo de ensino e aprendizagem das crianças até a garantia legal do acesso a Educação.

2.2 O Desenho como Forma de Linguagem

Olhar para o desenho é olhar para a história da humanidade, uma que ele se fez presente desde os primórdios e permanece até a atualidade, ajudando a contar a histórias desses povos. Derdyk (1994, p. 10) destaca que:

O homem sempre desenhou. Sempre registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre teve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples teimosamente acompanha nossa aventura na Terra.

A afirmação do autor demonstra a importância do desenho para a humanidade, sendo este considerado ainda como uma forma de linguagem, que se pode dizer, representa um aspecto mais amplo da capacidade de comunicação e compreensão e ao expressar essas ideias, pensamentos e sentimentos usando diversas linguagens que com o tempo vão se atualizando e surgindo novas formas de se expressar. Desde o nascimento a criança é inserida em sua vida social e à medida que aprende a se comunicar o uso dessas linguagens fica cada vez mais evidente e é mediante a Educação Infantil que pode ser trabalhado essas diferentes linguagens essenciais para a interação da criança com o outro e com o meio em que vive:

As linguagens são recursos expressivos de representação da realidade e de comunicação. Elas funcionam como veículo para o intercâmbio de ideias e forma de interlocução. Portanto, é ilusória a exclusividade da linguagem verbal como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados. Essa ilusória exclusividade se deve muito intensamente a um condicionamento histórico que nos faz crer que as únicas formas válidas de conhecimento e interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como, verbal, oral e escrita, e que essa linguagem é o meio mais apropriado para se chegar a uma forma de pensamento superior. O saber analítico que a linguagem verbal permite conduzir à legitimação consensual e institucional de que

essa é a linguagem de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todas as outras linguagens, as não verbais (COUTO, 2000, p.11-12).

Por meio das várias formas de se expressar, seja com uma história ou uma pintura, é que o sujeito se torna completo, podendo manifestar seus interesses e necessidades, conhecendo o outro e a si mesmo e a educação traz diversas possibilidades de vivenciar cada uma dessas formas de se expressar e comunicar-se, encorajando a criança, desde o princípio, de produzir as múltiplas linguagens.

São diversas as linguagens que compõem nossa cultura e que mantemos contato durante toda a vida, são elas a linguagem oral, a escrita, a corporal, a visual, pictográfica além de diversas outras. Segundo Góes (2014) essas linguagens fazem parte do processo de desenvolvimento integral da criança. A linguagem oral, a língua falada, é usada na presença de um interlocutor na qual pode se falar, através de signos linguísticos, representando através de um som a palavra dita. Podemos citar como um exemplo, uma conversa entre dois amigos, um professor ministrando sua aula e tendo com os seus alunos uma conversa sobre o conteúdo discutido.

Já a linguagem escrita, pode ser usada sem um interlocutor para que se transmitam mensagens, por símbolos, as letras, que ao se juntar formam as palavras. Ao escrever um recado, deixar uma mensagem para uma pessoa, escrever uma carta ou artigo, usa-se a linguagem escrita, presente no cotidiano.

Ainda temos a linguagem corporal, muito presente nos documentos orientadores da Educação Infantil, tal como a BNCC. Pois, é por meio do corpo e seus movimentos, os quais acontecem desde o nascimento, que a criança adquire o controle do corpo e suas capacidades físico-motoras, incentivadas corretamente para que o corpo seja também uma das fontes de aprendizagem, fazendo com que a criança manifeste diversos sentimentos e compreenda o mundo ao seu redor. Com relação, a linguagem corporal presente na BNCC:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem (BRASIL, 2017, p. 41).

O documento reforça que é por meio da linguagem corporal que a criança, começa a traçar os caminhos de conhecer o mundo. Devido, a essa importância a linguagem corporal se estende por todo o período escolar e está presente no decorrer da vida. É brincando, se movimentando que a criança se torna conhecedora de seus sentidos, de suas capacidades e ao conhecer o que ela pode fazer se expressa através disso.

Então, observamos que criança se comunica de várias formas, com o corpo, com gestos, com a fala, com a escrita, com o desenho e de outras. Damos destaque neste trabalho a comunicação pelo desenho e a linguagem das Artes Visuais, constituída pelas diversas manifestações como, pintura, escultura, artesanato, fotografia, desenho e entre outras, ou seja, a linguagem visual. Couto (2000, p.17) afirma que:

Sabemos que o estudo da linguagem visual proporciona uma melhor compreensão das mensagens visuais. O conhecimento da linguagem visual e de sua alfabetização é fundamental no desenvolvimento de critérios de leitura da imagem visual e tem por objetivo ultrapassar a resposta natural dos sentidos e os gostos e preferências condicionados.

Como destacado pelo autor, essa linguagem vai contribuir com o processo de alfabetização dos alunos, de forma a utilizar as demais linguagens para se comunicar e compreender o mundo. A linguagem está ligada à criança e a infância desde seus primeiros sentidos, através dela se estimula a criatividade, capacidade de interpretação, comunicação e senso estético. Sendo uma linguagem não só expressiva, mas uma porta para a entrada de novos conhecimentos, abrangendo culturas diferentes e formas de expressão diferentes a arte se torna presente dentro e fora da escola. A partir da implementação da BNCC, na Educação Básica, se tornou obrigatório no currículo o uso da linguagem das artes visuais na Educação Infantil (BRASIL, 2017). Com isso se trabalha com as diversas dimensões da arte, dentre elas o desenho.

O desenho, além de se fazer presente nas artes visuais, é parte importante das demais disciplinas, tais como a matemática, geografia, ciências, entre outras. Segundo Goés (2014) desenhando também se escreve, sendo que o desenho vai progredir quando a linguagem falada já progrediu, no início, ela desenha de memória, mesmo que o objeto esteja na sua frente; ela não desenha o que vê, mas o que conhece, o que pode ser amplamente explorado por todas as disciplinas inseridas desde a Educação Infantil. Portanto, o desenho se torna uma das principais formas de comunicação e expressão da

Educação Infantil, desde os primeiros rabiscos que fazem parte do desenvolvimento do sujeito, de forma a evoluir juntamente com o desenvolvimento da criança.

Para Derdyk (2015, p.51) “o desenho é uma atividade perceptiva, algo que não se completa, mas que nos convida, sugere, evoca”, assim podemos dizer que o desenho está em torno das emoções no qual ao desenhar pode-se manter o próprio olhar sobre as coisas e assim partindo para imaginar e ser criativo acerca do desenho. Para Barbieri (2012, p.18):

A imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão. O trabalho com a arte na educação infantil é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural.

A partir da imaginação e da criatividade as crianças passam a se expressar de forma a apresentar da melhor maneira as suas múltiplas linguagens. A criança ao desenhar se apropria da sua própria visão de mundo, sendo uma de suas primeiras formas de comunicação, desenha de sua forma aquilo que já conhece para que se aproximem do mundo em que vivem. Para Derdyk (1989, p. 24):

O desenho, quando linguagem, requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formar, figurar, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, emoções, ideias são tentativa de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.

Ao desenhar a criança parte para a apropriação do mundo e é a partir do que lhe é dado de material externo de observação, muitas das vezes despretensiosas, as produções artísticas tem características relacionadas a essa observação, seguindo esses desenhos com influencias culturais sobre essas atividades artísticas. Para Iavelberg (2010, p. 81):

O desenho da criança, desde cedo, sofre influência da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças. A criança pode ser autônoma ao executar e interpretar trabalhos artísticos, embora o faça de maneira cultivada, ou seja, detonando a influência cultural que recebe e expressando nas suas atividades: suas ideias ou representações sobre o que é o desenho e para que serve desenhar; seu potencial para fazer desenho e refletir sobre a produção de desenhos.

Entende-se assim que a influência cultural sobre os desenhos infantis está sempre presente podendo assim representarem mesmo sendo autênticos e feitos por si só, traços que podem ser ligados a cultura na qual a criança está inserida. Assim, observamos que o desenho é um importante fator no processo de comunicação da criança, de forma que está fala através do desenho, sendo este o tema do próximo tópico.

2.3A criança se comunica por meio do desenho

Como já apontado anteriormente neste trabalho o desenho é uma atividade humana e se relaciona com a apropriação da cultura, permitindo a criança expressar o seu modo de visualizar o mundo. Segundo, Lima e Camargo (2021), o desenho é constituído socialmente, pois a criança é um ser social e suas produções a refletem a partir de suas relações sociais e vivências. A criança desenha porque vive em uma cultura em que a atividade gráfica é uma das formas de expressão.

O desenho infantil pode ser considerado como uma fonte de expressão artística da criança (VIGOTSKI, 2009), ela vai se apropriando de sua cultura e signos que foram historicamente construídos pelo homem e passa a representar, por meio da linguagem do desenho, que também é um signo da humanidade, o que antecede o desenvolvimento da linguagem escrita (LIMA; CAMARGO, 2021).

A partir do desenho a criança se expressa representando situações diversas, seja vivenciada por ela ou mesmo vista na TV ou através da contação de uma história. Para Derdyk (2015, p. 57) “o desenho manifesta o desejo de representação, mas também, antes de mais nada, é medo, opressão, alegria, curiosidade, afirmação e negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial”. Luquet (1969, p. 15), complementa que “a criança desenha para se divertir e seu desenho está condicionado ao meio em que ela vive”. Portanto, o desenho é uma forma da criança falar. Lima e Camargo (2021, p. 8) corroboram afirmando que:

O desenho pertence ao universo infantil como uma linguagem específica na infância que expressa vivências, ideias, vontades e emoções das crianças. O desenho da criança expressa significados compartilhados socialmente, aos quais ela atribui sentidos, que só podem ser compreendidos por meio das explicações da criança sobre o que produziu.

As autoras enfatizam que as crianças representam suas vivências e emoções por meio do desenho, mas também apontam a fala da criança sobre o desenho é importante para que ele seja compreendido, a criança desenha e para ela a sua representação gráfica faz sentido e explica para o adulto o que é aquele desenho, e assim se vê que não é um mero desenho que ela faz por brincadeira ou que para muitos não parece coisa alguma, principalmente na fase pictórica. Sans (2014) relata que o desenho é como um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência, como meio de comunicação e expressão. A criança ao desenhar ela está expressando seus sentimentos, ou seja, ao desenhar a criança está exercitando sua criação imaginária. Todo o desenho tem um significado ou uma expressão, é desenhado que a criança relata sua necessidade afetiva ou sua alegria, impulsionando as novas criações que estão ligadas ao seu desenvolvimento gráfico, afetivo, motor e cognitivo (SANTOS; BATISTA, 2017).

Quando o adulto questiona a criança sobre sua produção gráfica leva a criança a pensar sobre sua produção e sobre o desenho como um signo gráfico. Pela linguagem oral, a criança verbaliza o que desenhou ou está desenhando, e muitos detalhes sobre o desenho só podem ser decifrados pela oralidade da criança que produziu aquele desenho (SILVA, 1998). O autor ainda destaca que:

Enquanto desenha, a criança fala. Nomeia sua produção quando uma pessoa pergunta o que é e também sem que haja qualquer indagação a esse respeito. Quando alguém pergunta à criança O que você está desenhando? A criança geralmente nomeia as marcas no papel, atribuindo-lhes significado no momento em que é feito o questionamento (SILVA, 2002, p. 213).

Portanto, no momento em que a criança desenha, sua fala organiza o desenho, contribuindo então com o desenvolvimento da mesma. Francioli e Steinheuser (2020), apontam que é possível compreender a importância do desenho na aquisição da linguagem e no seu desenvolvimento, levando a criança a ter autonomia, podendo enquanto desenha relatar o que está sendo exposto no papel, bem como ampliar seu vocabulário e a troca de informações entre indivíduos. Assim, antes de começar a desenhar, a criança o organiza mentalmente, por meio da fala:

O enunciado verbal organiza e é organizado pelo desenho. Falar a respeito da produção gráfica é também pensá-la. A linguagem verbal tem função de planejar a elaboração do grafismo; a criança pode antever seu produto, verbalizar o que pretende desenhar e mantê-lo ou modificá-lo antes e/ou depois de iniciar sua execução (SILVA, 1998 p.215).

Vigotski (2009) avalia que a criança não se preocupa com a representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê, mas por meio do desenho tenta indicar aspectos de determinados objetos, desenha aquilo que sabe sobre os objetos, por isso é importante a relação da fala oral para compreensão do desenho feito pela criança, que considera o ato de desenhar um processo prazeroso:

[...] A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e está estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p. 56).

No entanto, com o desenvolvimento da criança, o desenho também vai se desenvolvendo ganhando forma e cada vez mais significado. “O desenho transforma-se efetivamente em representação simbólica quando a nomeação passa a se dar no início do ato de desenhar e a criança torna-se capaz de decidir antecipadamente o que vai desenhar” (FONTANA; CRUZ, 1997, p.146). Nesse sentido, Derdyk (1989), discute que o ato de desenhar da criança precisa ser respeitado e entendido como forma de expressão, desde as primeiras representações plásticas.

Mesmo com todo apelo tecnológico e outras referências da contemporaneidade, a criança, em qualquer lugar do mundo, se tiver oportunidade de desenvolver o desenho, o fará mantendo semelhante esquema gráfico. O ato de conhecer o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente. Mas vale lembrar que nem toda criança gosta de desenhar, mesmo que isso faça parte do seu dia a dia, algumas tem outras formas de expressar seus sentimentos que não seja só pelo desenho mas que cria de formas diferentes.

Pillar (1996, p. 51), também afirma que ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. E, simultaneamente, “[...] está aprimorando esse sistema de representação gráfica”:

[...] O desenho é um sistema de representação, sendo um trabalho gráfico, construindo e interpretando o objeto conforme o que sente e pensa. A criança não nasce sabendo desenhar o meio que propicia este conhecimento a partir das estruturas mentais que possibilitam a criança interpretar o mundo. Dessa forma o conhecimento não resulta da relação da criança como os objetos, mas da sua interpretação e representação (PIILAR, 1996, p.190).

Portanto, o desenho infantil como uma representação do conhecimento da criança e como a constituição social de uma importante função psíquica cultural, a imaginação criadora, cujo objeto de estudo é o grafismo infantil e a relação entre a imaginação criadora e a criação artística geral da criança (VIGOTSKI, 2009). Assim, observamos que o desenho pode ser utilizado como técnica para se observar o desenvolvimento intelectual, social e cultural da criança durante seu processo de aprendizagem. Mas, para Rabello (2019, p. 19), “o olhar de cada desenho é uma atividade que requer sutileza, atenção, observação e sensibilidade”.

Por isso, é preciso que o professor tenha um olhar atento para o desenho e o desenvolva em sala de aula a partir de um planejamento que o considera, para além de um momento de diversão ou distração para o aluno, mas sim um momento de aprendizagem. Assim, observamos que diversas funções, além da fala já citada podem ser desenvolvidas por meio, do desenho.

Para Vigotski (2009) a importância da estimulação, da imaginação e criação, o que pode ser transcrito no desenho, permite verificar seus sentimentos, sua criatividade, memória, imaginação, ou seja, seu desenvolvimento pode ocorrer por meio, do uso do desenho, desde que o professor tenha intenção para tanto:

O intercâmbio entre a professora e as crianças é muito rico, porque permite a troca de experiências gráficas em um plano bastante informal e lúdico. As interferências no desenho da criança geram mudanças no próprio desenho e em seu autor. Gráficamente, a criança tem possibilidades de acrescentar detalhes e/ou figuras inteiras ao seu trabalho, gerando novas formas. E as alterações repercutem nos processos psíquicos envolvidos na execução do grafismo: percepção, atenção, memória e conceitualização (SILVA, 2002, p. 90).

Além das funções citadas pelo autor damos destaque a imaginação, que é facilmente desenvolvida, por meio do desenho. Ao desenhar, a criança utiliza a sua imaginação decorrente do acúmulo de experiências e, segundo Vigotski (2009, p. 25): “[...] a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana”. Dessa forma, o ato de desenhar seria uma forma de exercitar a imaginação, conseqüentemente uma forma de estimular a criação, o novo, ação essa que se realiza a todo o momento (FRANCIOLI; STEINHEUSER, 2020). Quando a criança desenha, as várias sensações e sentimentos daquilo que ela imaginou é colocado no papel, e a criança se sente realizada a conseguir mostrar para um adulto aquilo que até então só fazia sentido para ela em sua imaginação mas que ganhou vida com o desenho.

Portanto, ao desenhar, a criança está criando algo novo, transferindo para o papel aquilo que já fora internalizado do mundo exterior. Além disso, Petrovsky (2017, p. 182), completa: “A imaginação é a capacidade de criar novas imagens sensoriais ou racionais na consciência humana, com o intuito de transformar as impressões recebidas em realidade”. Mais importante ainda é relacionar a importância da imaginação em crianças menores, como cita Petrovsky (2017), principalmente em idade pré-escolar, na qual a imaginação amplia a fantasia, condição para a assimilação das experiências sociais.

Então, pode-se observar nas discussões aqui traçadas que o desenho tem papel importante no desenvolvimento da criança, uma vez que por meio deste diversas funções são desenvolvidas, mas principalmente por ser está uma forma da criança expressar seus sentimentos, vivências, visão do mundo. Quando a criança está no mundo da fantasia e da imaginação ela cria e recria o universo em que vive, fantasiando e imaginando se uma forma mais leve e divertida aquilo que ela vivencia em seu dia a dia.

3 AS IMPLICAÇÕES DO DESENHO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste tópico as discussões serão voltadas para destacar as contribuições do desenho para o desenvolvimento da criança. O desenho faz parte da cultura da sociedade de forma a permitir que a criança se expresse e interprete o mundo por meio dele, além de contribuir como o desenvolvimento de diferentes funções, como a imaginação e linguagem discutidas anteriormente.

O uso do desenho pelas crianças representa um mundo a ser interpretado de forma a se entender como ele se desenvolve e promove aprendizagem, tentaremos nos tópicos a seguir, dar início a essa interpretação.

3.1 Dos riscos, rabiscos, garatujas até o desenho

Ao observar o desenvolvimento de uma criança, seja em nossa família ou mesmo na sala de aula, é fácil observar como lápis de cor, caneta, canetinha, giz de cera e tinta, ou até mesmo diferentes materiais, chamam a atenção da mesma, de forma que ela logo quer ter contato com esse material e começar traçar os seus primeiros riscos. De acordo com o entendimento de Moreira (2008, p. 15):

Toda a criança desenha. Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar.

Por meio da ideia do autor, observamos que de início o risco começa como uma brincadeira até chegar em uma forma de expressão, pois assim como a criança se desenvolve o risco chega a ser um desenho com significados, seja para expressar o momento vivido, uma situação imaginária, etc. Portanto, o ato de desenhar torna-se prazeroso, a criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem.

Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia está estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004).

Observamos assim, que o desenho é uma linguagem cheia de simbolismo usado pelas crianças. Os símbolos são figuras que representam uma ideia abstrata, fenômenos naturais que trazem significados implícitos. A criança tem sua função simbólica, na qual ela tem a capacidade de representar o mundo a partir de suas funções mentais criando uma realidade usando seu próprio símbolo. Nenhum desenho será igual a outro, cada criança reproduz seus símbolos de uma forma:

Metaforicamente, podemos entender que o símbolo é a junção de duas partes e, etimologicamente, entende-se como algo combinado ou mesmo composto. Isso significa dizer que ele somente existe na medida que se compõe destas duas partes: uma parte representada e outra que representa. Eles mantêm entre si uma relação interna, símbolos irracionais e quase sempre não são totalmente compreendidos e são representados de maneira espontânea na maioria das vezes (RABELLO, 2019, p. 63).

O desenho simbólico infantil, pode ser interpretado por diversos profissionais, não só na educação como na psicologia e na arteterapia. Esses símbolos são dotados de significados que podem ser inconscientemente expressados pela criança a partir do desenho. Podem ter significados diferentes como as crianças desenham sua casa, portas e janelas, as cores nas quais os pintam, fazendo com que cada símbolo seja importante na interpretação do subconsciente da criança.

Nesse sentido, Sousa (2020), discute que os desenhos infantis ou rabiscos são capazes de colocar a criança diante de um espelho metafórico, dizem o que elas não conseguem ainda comunicar, expressam exatamente o que gostariam de dizer, mas, devido ao nível de conhecimento não sabem ainda como dizê-lo e acreditam plenamente que por intermédio dos desenhos seus interlocutores compreenderão o que gostariam de dizer da maneira como somente elas sabem fazer.

Cada criança pode ser interpretada de alguma forma como pelos gestos e emoções, mas na educação infantil também é importante que se observe as características dos desenhos como as cores usadas, o espaço desenhado no papel, os símbolos usados, a intensidade que foi feita os traços, analisando o ponto de vista delas e os sentimentos

delas sobre aquele desenho, não procurando corrigi-la como se algo estivesse errado ou fora do senso estético dito como normal ou bonito. Portanto, “o desenho infantil é considerado uma produção cultural as crianças e um instrumento revelador das representações infantis” (BARBOSA, 2010, p. 24).

Contudo, voltando nosso olhar para os riscos, rabiscos, garatujas até a chegada do desenho no desenvolvimento da criança, sendo este o ponto fundamental para olhar para o seu desenvolvimento. Derdyk (1989, p. 88) afirma ainda que “nos rabiscos intermináveis, aos poucos, os gestos vão naturalmente se arredondando. Surgem espirais e caracóis que nascem de dentro para fora, de fora para dentro. Há ensaios de toda ordem até o aparecimento do primeiro círculo fechado”.

Rabiscos estes que são cheios de significado para a criança, que por meio deles está expressando os mais diversos sentimentos. Rabello (2019, p. 41) descreve que “é importante salientar que, mesmo parecendo vários riscos sem nenhum significado para os adultos, as garatujas e suas representações estão carregadas de muita imaginação, de afetividade. Este prazer em fazer algo é quase sempre incompreendido pelos adultos”. Então, acompanhar os desenhos das crianças é acompanhar o seu desenvolvimento relacionado principalmente a linguagem e escrita:

Engendrada pelo desenvolvimento da função simbólica na criança, a evolução do desenho depende intimamente da evolução da linguagem e da escrita. Parte atraente do universo adulto, dotada de prestígio por ser secreta, a escrita exerce uma verdadeira fascinação sobre a criança, e isso bem antes de ela própria poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo, ela tenta imitar a escrita dos adultos. Geralmente, é entre os três e quatro anos que a criança produz essa escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra, e carregada para ela de uma fabulosa polissemia (MEREDIEU, 1987, p. 9).

Observamos nas palavras do autor que o desenho se desenvolve em conjunto com a linguagem e escrita, então quanto mais estímulo a criança tiver em relação a essas formas de comunicação melhor será o seu desenvolvimento frente a elas. Meredieu (1987, p. 11), ainda sobre este aspecto, afirma que “com a escrita, a criança descobre novas possibilidades gráficas. Escrita e desenho podem então se misturar (a criança escreve um texto no seu desenho) ou confundir-se (a escrita torna-se mais um jogo e o alfabeto um pretexto para variações formais)”. Ou seja, em um certo momento do desenvolvimento a criança já não faz distinção entre escrita e desenho relaciona as duas para expressar o seu

desenvolvimento, aspectos que devem ser considerados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. E fazer essa relação e tantas outras em um desenho, seja, desde o que se vai desenhar até a cor a ser utilizada também se desenvolve ao longo do processo, permitindo a criança chegar em um momento de decisão sobre estas questões:

O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é posse, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sim e os não da sociedade (DERDYK, 1989, p.46).

As discussões tecidas pelo autor, demonstra um aspecto importante, que é promovido pelo desenho uma aceitação ou não das suas vivências, por meio do desenvolvimento da sua autonomia. As garatujas são conhecidas por serem reproduções gráficas, abstratas, significativas e expressivas que estão contidas em qualquer desenho representativo. O rabisco é uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel para a criança. Assim, “[...] a criança garatuja desordenadamente, caoticamente, casualmente, longitudinalmente em todas as direções” (DERDYK, 2015, p. 60), estas então, não é simplesmente uma atividade sensório-motora, descomprometida e ininteligível, mas possuem significados.

Segundo Meredieu (1987), discute que os pequenos realizam marcas, riscos, linhas, que se entrecruzam sem um sentido preestabelecido. São assim chamadas de garatujas. Esses traços iniciais configuram uma primeira escrita em imagens, em que persiste uma falta de destreza e habilidade manual para realizar uma figura socialmente legível. Como por exemplo, a criança faz um traço, uma garatuja e afirma que é um gato, um cachorro, uma menina ou o quê, naquele momento, ela está captando sua intenção, seu desejo.

Ainda, na afirmação de Meredieu (1987) a falta de destreza e domínio não impede que se realize essa verdadeira representação de escrita. Nesse sentido, a criança antecipa-se mentalmente (simbolicamente) à possibilidade efetiva e eficaz de seu controle manual. Os movimentos da mão possibilitam a escrita desses primeiros traços; neles se ata o movimento da mão a uma superfície que transforma o espaço num vestígio, numa presença de existência subjetiva. Nessa presença, o movimento da mão se perdeu; seu vestígio configura o traço, essa marca imóvel que liga o movimento do corpo à escrita.

Esse movimento desordenado da mão inscreve-se numa superfície em que o próprio ato de escrever impõe-se à criança como ligadura que alinhava, compõe; o garatujar ao significativo que representa essa garatuja para outro significativo, numa série

em que o sujeito se representa no campo do outro. Só ali a criança encontra a sanção que confirma seu traço, sua garatuja, como lugar de presença em que sua existência se coloca em ato. ainda sobre este aspecto, “inversamente com a escrita, a criança descobre novas possibilidades gráficas. Escrita e desenho podem então se misturar (a criança escreve um texto no seu desenho) ou confundir-se (a escrita torna-se mais um jogo e o alfabeto um pretexto para variações formais)” (MEREDIEU, 1987, p. 11).

Portanto, ao garatujar no papel, as crianças dão formas às suas convicções e compreensões da realidade e mostram seus mundos. Utilizam-se desses traçados para dizer como compreendem determinadas situações, como inserem-se em variados contextos e como demonstram como os conhecimentos estão sendo construídos por elas. Sendo assim, considerar que as garatuja são marcas comunicativas da linguagem significa entender que as crianças pertencem a um mundo que ora transita entre a simbologia, ora se insere no plano da realidade (SOUSA, 2020).

As garatuja funcionam como unidades gráficas abstratas e que estão contidas em qualquer desenho figurativo. Nela pode-se analisar como anda o ambiente em que a criança está inserida. Sousa (2020), observa que os primeiros traços realizados pela criança não estão inseridos em um propósito de estética, porém, servem para expressar e inferir registros à sua marca, pois mesmo que ainda não estabelecido seu processo de escrita, a criança é capaz de atribuir nomes, contextos e falar de suas narrativas compreendidas unicamente por elas, daí a função do professor é a de acompanhá-la com algumas intervenções quando se fizerem necessárias.

3.2 As fases de desenvolvimento do desenho na criança

Não se pode tratar de desenho sem mencionar as crianças, que em algum momento já desenharam alguma vez na vida. Para a criança o desenho ocorre de forma espontânea, representando uma forma de se comunicar com o mundo adulto, expressando suas ideias.

A necessidade de expressar faz parte da condição humana. A criança, desde a primeira infância, procura comunicar de algum modo, no início, por meio do choro e dos gestos e, aos poucos, desenvolve seu próprio código de comunicação. Entretanto, existe uma forma de expressão constante em todas as crianças, o ato de desenhar (SANS, 2014, p. 22).

De início, ao desenhar, a criança não representa formas reais, mas linhas, traços desconexos e rabiscos, os primeiros desenhos feitos pelas crianças ainda na primeira

infância, representam um emaranhado de riscos e círculos. Para a criança ela está mostrando algum elemento observado ao seu redor, retratando-o naquele desenho, diferente do olhar de um adulto.

A criança tem um senso de observação aguçado, pois, em diversos momentos, ela chama atenção de pormenores não observados pelos adultos, E, nos momentos em que se desenha, age com grande concentração, desenhando somente aquilo que lhe interessa (SANS, 2014, p. 25).

A criança passa a fazer desenhos voluntários, nos quais ela entende o movimento do traço, das cores e das formas e aquilo lhe traz prazer de desenhar e sempre repetir essa atividade. Segundo Derdyk (2015) o desenho é prazeroso, e também traz diferentes sensações como a aprendizagem motora, ritmos, formas e isso ocorre como mágica desde os primeiros contatos com o papel e o lápis ou em qualquer lugar que a criança decida desenhar.

Vários autores contribuíram para as discussões sobre o desenho infantil, classificando as etapas do desenho de forma diferentes, dentre eles podemos citar: George-Henri Luquet (1969), Lowenfeld (1976) e Piaget (1976). Suas contribuições foram de grande importância para se compreender a evolução do desenho, e cada etapa tem suas particularidades experimentando as sensações de diferentes texturas e materiais. Assim a criança pode transmitir o que sente por meio do desenho construindo também o conhecimento.

Para Luquet (1969), a evolução do desenho se relaciona, com as fases do desenvolvimento de forma linear e sucessiva, de forma que as crianças passam de uma fase para outra de acordo com a sua maturação biológica e desenvolvimento físico/motor. As fases propostas e descritas pelo autor foram: Realismo Fortuito; Realismo Falhado; Realismo Intelectual e Realismo Visual.

Sendo que, Luquet (1969) o Realismo Fortuito é a primeira fase do desenho da criança, onde essa tem como o prazer de desenhar o ponto principal, esvaziando seus sentimentos e desejos, repetindo o mesmo várias vezes e essa repetição é chamada de “ato de ação”, no qual a criança repete aquilo está a sua volta, o que vê nos adultos, mas por puro prazer. E aos poucos, com essa repetição de ação ela vai entendendo e percebendo objetos, construindo sua própria simbologia. O Realismo Fortuito é a fase de rabiscos da criança que ela desenha desordenadamente e por prazer, mas que aos poucos vai conseguindo identificar objetos e representá-los percebendo essa semelhança (LUQUET, 1969).

A próxima fase é o chamado Realismo Fracassado, no qual ao desenhar, a criança relaciona sempre sua obra com a realidade dos adultos que a cercam, mas para que se chegue ao realismo necessário para a representação, ela tem obstáculos a percorrer. Esses obstáculos Luquet (1969) se dividem em dois estágios, físico e psíquico, querendo mostrar que a criança sabe o que tem que executar no desenho, mas não consegue. Um exemplo seria o desenho de uma pessoa sem o tronco, mas apenas com as pernas e os braços, nele a criança sabe que tem o tronco, mas não consegue executar a ação de desenhar esse tronco, por isso opta por desenhar apenas as outras partes do corpo. O nome da fase se dá ao fracasso que a criança tem ao tentar desenhar de forma realista, mas que ensina com o tempo a reproduzir essas formas estão então ligadas ao processo de aprendizagem. As crianças dessa fase se apresentam na faixa etária de 3 a 4 anos de idade. A terceira fase discutida por Luquet (1969) é a chamada Realismo Intelectual, onde o grafismo da criança já consegue alcançar traços reais indo além do concreto. Agora a criança passa a desenhar não só aquilo que vê, mas também o que está internalizado no seu consciente, e no processo ela passa a perceber as formas e os espaços com dimensões diferentes. Um exemplo é a criança desenhar a sala de aula, mas não só a sala, aquilo que está dentro, como os alunos e os móveis, criando uma ideia de transparência. Luquet (1969) percebe que ao desenhar os erros das crianças são fundamentais para o seu desenvolvimento nessa fase do grafismo, acontecendo entre os dez a doze anos.

A última fase é a do Realismo Visual em mostra que a criança passa a fazer suas representações gráficas mais perto da de um adulto, agora tendo consciência estética e cultural. A obra da criança passa a ser mais parecida com a de um adulto, deixando de ter traços infantis. Essa fase começa após os doze anos ou até mesmo um pouco antes Luquet (1969).

Outro autor de destaque na compreensão do desenho, sendo pesquisador do grafismo infantil é Viktor Lowenfeld (1976), este apresenta 4 fases para o desenho da criança, sendo que seus estudos sobre o desenho infantil livres das influências da estética adulta. O autor apresentou uma valorização da capacidade criadora das crianças, situando a arte como relevante para esse processo e destacando o papel das ações educativas e do professor nesse percurso, pois, “quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade e maior a conscientização de todos os sentidos, maior será também a oportunidade de aprendizagem.” (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 17-18).

A primeira fase apresentada por Lowenfeld (1976), é a Rabiscção Desordenada ou

Garatuja, nessa fase a criança apenas rabisca a superfície apenas por prazer ou de forma intuitiva, a partir desses rabiscos ela passa a suprir suas necessidades motoras. São esses primeiros traços que a criança coloca suas emoções variando de intensidade intencional. Ainda nessa fase é apresentada a Rabiscção longitudinal, na qual a criança ainda rabisca, mas agora complementando com formas, como círculos e quadrados. A Rabiscção também nessa fase já tem o início do uso da imaginação e da criação, perceptível também a formação da figura humana. Essa fase vai até aos 5 anos de idade.

O segundo estágio é chamado pelo autor de Figuração Pré - Esquemática em que as garatujas passam a ser mais visíveis em suas formas, podendo reconhecer um humano ou um objeto com algum tipo de significado. A criança só desenha aquilo que tem algum significado para ela, no caso, o que ela vê em torno dela, relacionando seus desenhos a sua realidade. É nessa fase que a criança desenha objetos de tamanhos variados muitas vezes que não condiz com o tamanho real, sendo muito grande ou muito pequeno e ela passa a repetir mais o que desenha (LOWENFELD, 1976).

Para o autor a repetição do desenho da criança nessa fase, usando bastante formas como círculos associadas ao corpo humano e seus membros por exemplo, podem ajudar no seu desenvolvimento mental. A fantasia e a imaginação estão sempre presentes mesmo que a criança não tenha uma visão geral do que se está desenhando, isso se torna um processo natural da criança (LOWENFELD, 1976).

A Figuração Esquemática é a terceira fase e nela a criança já tem ideia de como funciona o espaço sociocultural, ela passa a desenhar, casas, prédios, pessoas, animais, em ordem e uma das principais características dessa fase é a criança começar a desenhar linhas para representar uma superfície como uma rua ou o chão de uma casa além de relacionar as cores e as formas de acordo com a sua realidade. Mais uma característica vista por Lowenfeld (1976) são as figuras geométricas que as crianças passam a usar no seu desenho, e é nessa fase que se aparece o sentido de transparência das coisas, um exemplo conhecido por todos seria a representação do príncipe, do livro o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry (1943), retratando a jiboia que engoliu um elefante em seu desenho, exemplo, esse citado por Lowenfeld (1976).

A quarta e última fase de Lowenfeld (1976) é a Figuração realista, aqui a criança desenha com mais detalhes aquilo que vê, tem a noção de que pertence a sociedade e agora passa a fazer seus desenhos pensando no coletivo, consegue fazer as proporções corretas dos objetos com melhores acabamentos e noção de sombreamento.

Jean Piaget (1976), também estudou o grafismo infantil, se baseado nas suas pesquisas sobre a psicologia da aprendizagem o mesmo promoveu relações com as fases do desenho infantil, que para ele são cinco fases:

A primeira é Garatuja, dividida em duas partes, a Garatuja Ordenada e a Desordenada acompanhadas no período Sensório Motor (0 a 2 anos), que está caracterizado pela comunicação da criança antes da fala se comunicando por meio de ações e sentidos para conhecer o mundo ao seu redor. E também acompanha o período Pré-Operatório (2 a 7 anos), caracterizado pelas habilidades de imaginação, a noção de objetos e distância, agora aparecendo a função simbólica de onde a criança sente a necessidade de se comunicar através da linguagem (PIAGET, 1948, p. 32).

A garatuja desordenada, logo no início da primeira infância, mostra que a criança desenha por prazer, sem nenhuma intenção, não se preocupa com o espaço do papel e os traços são desordenados. Já a garatuja ordenada, a criança começa a perceber o limite do papel, passa a desenhar de forma mais circular, mas ainda não se preocupa com a posição ou o tamanho. A figura humana não é desenhada com clareza nem os objetos, a criança desenha como ela acha que é, e se perguntar a ela, mesmo os adultos vendo um rabisco, ela dirá que é uma pessoa ou um objeto (PIAGET, 1976).

A segunda fase, é a chamada Pré- Esquemática relacionada por sua vez, com o período pré-operatório do desenvolvimento infantil, mostra que a criança já consegue distinguir o desenho e relacioná-los com o pensamento e a realidade em sua volta. Nessa fase a imaginação é mais a florada, sabendo a diferença da realidade, mas ao descobrir novas emoções os elementos desenhados não tem características reais (PIAGET, 1976). Nesse estágio começa a surgir o que é chamado por Piaget (1976) o homem girino, no qual a criança desenha o homem com a cabeça maior que o corpo, muitas vezes sem o tronco, a cabeça contém além da boca, nariz e olhos os braços e pernas.

O Esquematismo é a terceira fase, onde a criança já passa a desenhar a partir de esquemas, novas formas e cores que antes ela não usaria. A partir daí a criança passa a desenhar algo fazendo relação à outra coisa, como exemplo ela usaria a linha do caderno como a base, o chão do desenho, esse processo a ajuda a desenvolver a escrita, ela passa a pintar os objetos das mesmas cores. Esta fase está ligada ao estágio de Operações Concretas de Piaget (1976), que vai dos sete aos doze anos em que o sujeito passa a usar sua capacidade associativa com mais facilidade e, portanto, sua capacidade mental chega mais perto da de um adulto.

Na quarta fase, a do Realismo, a criança passa a ter consciência do que é desenhado, diferenciando menino e menina, sabendo lidar com a profundidade e a perspectiva do desenho e fazendo autocríticas. Os desenhos são diferenciados por suas vezes em características de sexo como meninas de cabelo grande e vestido e meninos decalça. Nesses desenhos a realidade é encontrada. Essas características do grafismo podem ser vistas dos 9 aos 11 anos de idade. Partindo para a última fase denominada Pseudo Naturalismo, e a fase em que o desenho está chegando a realidade, a criança já tem noção de espaço, cores, formas, os desenhos passam a ser objetivos mostrando o que realmente deseja, deixando de ser uma atividade espontânea. O uso de efeitos, combinação de tons e os efeitos de luz e sombras estão presentes nessa fase que se solidifica a partir dos 10 anos de idade (PIAGET, 1976).

Como podemos ver, foram apresentadas as fases dos desenhos por três pesquisadores diferentes, nelas vimos as características comuns e as opiniões de cada um sobre as fases do desenvolvimento da criança perante o desenho infantil. O desenho da criança sempre se torna mal interpretado pelo olhar de um adulto, onde nele a primeira vista são apenas rabiscos, mas por trás de cada traço há um sentimento, um simbolismo, partindo lado a lado do desenvolvimento motor, psíquico, orgânico, rítmico e de aprendizagem (PIAGET, 1976).

Observamos que Luquet (1969) e Piaget (1976) apresentam semelhanças em sua teoria sobre as fases do desenvolvimento do desenho. Ambos os autores apresentam as primeiras fases do grafismo infantil, seus primeiros períodos de vida, ela desenha apenas para seu prazer. Partindo do pressuposto que a criança na primeira infância está ligada a Educação Infantil pois é nela que tem o primeiro contato com o meio escolar, o processo de aprendizagem e desenvolvimento está completamente ligado às fases do desenho infantil, mesmo que ela esteja desenhando por prazer, o descobrimento de cores, texturas, formas, ao pegar no lápis, ao sair do espaço do papel e ao descobrir os limites desse mesmo espaço ela está em processo de desenvolvimento.

É no papel que a criança tem o seu primeiro espaço de comunicação e sua evolução cognitiva e física andam juntas com seus traços. Ao iniciar as discussões sobre linguagem gráfica no fim do século XIX, início do século XX, quando começaram a surgir os primeiros estudos sobre na área da psicologia que estuda a mente por meio da experimentação, partiram também para o porquê e falar da linguagem do desenho infantil? O desenho infantil está presente no cotidiano de qualquer um que foi ou é criança independente de qual região se viva no mundo, os traços e rabiscos estarão lá.

O desenho acompanha o desenvolvimento motor e cognitivo da criança, assim apresentados como forma de linguagem durante toda a infância. na Educação Infantil o desenho está presente em suas fases e se torna um grande aliado da criança no seu processo escolar podendo ser trabalhado na educação artística, mas presente na área de linguagens e muito bem utilizada na área da matemática, sendo um forte aliado nos maisdiversos campos do conhecimento.

Na atualidade temos uma autora brasileira, Rosa Iavelberg (2010; 2013; 2017) que se dedica a estudar o desenho na Educação Infantil. Os estudos da autora considerama influência social e cultural nesse processo, e assim ela ordenou o percurso gráfico infantil em “cinco momentos conceituais sucessivos e inter-relacionados – não divididospor faixa etária nem pelo desenvolvimento cognitivo –, que estão em correspondência com o que a criança pode saber e fazer sobre desenho” (IAVELBERG, 2013, p. 20).

A autora defende que na contemporaneidade “a criança ao aprender arte desenvolve um percurso artístico alimentado nas culturas, com a marca de sua subjetividade.” (IAVELBERG, 2010, p. 243), ou seja, cada criança tem seu repertório próprio que vai sendo desenvolvido a partir das experiências com desenho que tem e dasinfluências que recebe em seus contextos sociais e culturais. Dessa forma, a autora opõe-se à ideia de um percurso do desenho apenas fundamentado no desenvolvimento físico emental da criança, mas considera que ele é enriquecido e influenciado pelas experiências e relações sociais, culturais e pedagógicas que recebe (IAVELBERG, 2017).

Os momentos conceituais organizados por Iavelberg (2010; 2013; 2017) são o Desenho de Ação; Desenho de Imaginação I; Desenho de Imaginação II; Desenho de Apropriação e Desenho de Proposição. Sendo que no momento do Desenho de Ação, feito por crianças pequenas, é pré-simbólico. Composto por linhas e curvas que não representam um referente existente nem imaginado, ele é resultado da satisfação que a criança sente em criar marcas no papel e explorar movimentos (IAVELBERG, 2010; 2013; 2017).

Com o seu desenvolvimento, as crianças passam a produzir símbolos. Surgem então figuras como sois, bolas e peixes, de forma que a criança, chega no momento chamado de Desenho de Imaginação I. Nesse momento, essas figuras aparecem justapostas no papel, desconectadas umas das outras.

Em sequência, temos a chegada do momento de Desenho de Imaginação II, ondeas figuras passam a interagir em imagens narrativas. É quando, por exemplo, pessoas podem passar a ser representadas no interior de uma casa. Esse momento é marcado

também por processos como o da transparência, rebatimento e do plano deitado, já descritos anteriormente por Luquet quando tratou da fase que chamou de “Realismo Intelectual” (LUQUET, 1969).

Segundo Motoda (2021), é nesse momento, por exemplo, que a criança usa da transparência para representar uma mulher grávida, de um modo que é possível enxergar o bebê através de sua barriga, como em uma espécie de chapa de raio-X. Esse mesmo recurso pode ser visto quando a criança representa o interior de uma casa, como se as paredes fossem transparentes.

No momento do Desenho de Apropriação, que segundo Iavelberg (2017), se aproxima do desenho adulto, com uso de perspectiva e detalhamento, passando a ser mais realista por meio do aprimoramento da consciência visual e a ampliação de referências gráficas e regularidades da linguagem do desenho. Busca a aproximação do que desenha com os modelos e imagens existentes no mundo cultural e social.

Neste tipo de desenho, a criança passa a incorporar os modos de representação que encontra em outros trabalhos da cultura na qual está inserida. Retomando o exemplo da representação de uma mulher grávida: nesse momento, a criança representaria apenas o volume de sua barriga, não mais o bebê no interior dela. A criança passa paulatinamente a fazer desenhos segundo as regras da perspectivação (IAVELBERG, 2010; 2013; 2017). Diferentemente do que afirma a concepção modernista, esse não seria um momento de empobrecimento da arte infantil, é apenas um momento no qual a criança passa a desejar se apropriar ativamente de modelos de representação visual da cultura (IAVELBERG, 2017, p.70). É o momento também no qual muitas crianças passam a se mostrar insatisfeitas com os seus trabalhos, afirmando que não sabem desenhar, como aponta a autora:

Muitos alunos nesse momento afirmam que não sabem desenhar, os professores costumam acreditar que estão bloqueados por insegurança ou submissão a padrões adultos. Mas o aluno está querendo nos dizer: eu não sei desenhar e gostaria que alguém me ensinasse (IAVELBERG, 2017, p.67).

Motoda (2021), ao realizar a análise deste momento aponta que, a participação de um adulto que ensine o desenho, ao contrário de coibir o desenvolvimento gráfico, poderia colaborar com ele. Isso poderia evitar que a criança, por não ter tido orientação adequada no momento que solicitou, sintasse frustrada e abandone completamente a

prática. Assim, torna-se evidente a importância da atuação do educador nesse momento, que será abordada mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

E, por fim temos o Desenho de Proposição, onde a criança tem consciência dos seus interesses e das possibilidades do desenho e opera como um produtor adulto, desenvolvendo o seu próprio estilo. No entanto, este não é o fim do desenvolvimento gráfico, uma vez que poderá seguir desenvolvendo-o ainda na idade adulta (IAVELBERG, 2010; 2013; 2017).

Podemos observar semelhanças e diferenças com relação as fases do desenho apresentadas pelos autores. Mas, todos eles realizam os seus estudos de forma a construir essas fases de forma a valorizar a importância do desenho para o desenvolvimento dos alunos.

Cabe então, ao professor da Educação Infantil, que esteja preparado para esse trabalho além de compreender a importância do desenho no processo de ensino e aprendizagem das crianças, que saiba planejar suas aulas de acordo com os resultados e possibilidades esperados, oferecer os estímulos necessários para que haja o desenvolvimento psicomotor da criança com a ajuda do desenho, estímulos esses que não são frequentes acontecer a não ser que o desenho seja usado como distração. O desenho vai evoluindo junto com a criança tanto no desenvolvimento cognitivo como psicomotore da linguagem oral, nos desenhos as linhas ficam mais firmes e as formas e representações começam a surgir juntamente com a linguagem escrita, mas antes disso a linguagem simbólica está presente por meio dos símbolos que as crianças reproduzem no desenho.

3.3 A importância do desenho para a aprendizagem

O desenho está presente nos documentos oficiais orientadores da educação básica, como a BNCC, como já discutido anteriormente nesse trabalho. O campo de experiência em que o desenho está presente é o campo "Traços, Sons, Cores e formas", o mesmo tem o objetivo de possibilitar que as experiências vividas no âmbito escolar, a criança possa vivenciar diversas e se expressar por diversas formas de expressão e linguagem sendo papel dessa etapa da educação promover espaços e experiências para que essas manifestações aconteçam mesmo que o desenho esteja presente em outros campos como em casa.

Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca (BRASIL, 2017, p. 41).

O ato de desenhar não é isolado, ele depende de a criança entrar em contato com o mundo externo podendo percebê-lo, do material, da coordenação motora, técnicas formuladas pela criança nos seus primeiros desenhos na infância. O desenho é o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais de um mundo figurativo.

Ao ter contato com o grafismo, a criança se desenvolve como indivíduo em suas múltiplas dimensões: social, físico, intelectual, emocional e simbólico. Utilizando diferentes materiais, ou ao pegar no lápis a criança desenvolve diferentes sensações, ao desenhar o movimento de suas mãos, descobrindo a ponta dos seus dedos, o sentimento de desenhar ou o sentimento a ser colocado no desenho, a criação de símbolos para a melhor compreensão de si e do mundo, tudo isso possibilita o desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil.

O desenho faz parte da construção do conhecimento da criança na Educação Infantil. Sendo que, o desenho colabora para o desenvolvimento cognitivo, como exercícios de percepção das cores, atividades usando espaços e materiais diferentes, o uso das mãos e o movimento dos dedos colaboram para que a criança concretize sua visão do mundo pelos seus desenhos e também trabalhe o seu desenvolvimento motor.

O desenvolvimento cognitivo e o desenho tem uma grande ligação auxiliando em diversos campos do conhecimento tanto na Educação Infantil quando futuramente nas práticas pedagógicas. Por isso a importância do docente no processo de aprendizagem, não tratando o desenho com descaso mas sim incentivando a curiosidade, a criatividade proporcionando desafios para que possam construir suas representações gráficas a partir daquilo das suas experimentações isso leva as crianças a trabalharem outras habilidades desenvolvendo-as como as psicomotoras.

A psicomotricidade² é conhecida como uma ação pedagógica que parte do movimento do corpo, interações cognitivas, psíquicas, sensoriais motoras e sociais participando de forma ativa do desenvolvimento de esquemas corporais da criança como principal objetivo melhorar seus movimentos, sua noção de espaço, coordenação motora, entre outros. É por meio do movimento que a criança busca o controle do próprio corpo, e o desenho contribui no desenvolvimento de vários aspectos incluindo a coordenação motora, o movimento das mãos e as noções espaciais nas quais a criança ao desenhar sobre alguma superfície percebe o tamanho da folha, se deve desenhar somente dentro do espaço do papel além de perceber os objetos em sua volta e retratá-los, às pessoas e o espaço onde se encontra.

O desenvolvimento da coordenação motora se dá gradualmente desde que a criança por volta dos 4 a 6 meses, começa a querer pegar nos objetos que estão ao seu alcance e isso faz com que os músculos menores das mãos e dos antebraços se fortaleçam. Para que esse desenvolvimento continue de forma gradual um dos subsídios que pode ser usado para que ele aconteça é o desenho, com materiais adequados para sua idade, estimulando seu sistema sensorial, que devem ser utilizados pelos professores da Educação Infantil como uma metodologia para beneficiar o desenvolvimento motor.

O grafismo infantil tem uma ligação direta com a escrita, principalmente na primeira fase da Educação Infantil. Ao desenhar a criança toma controle dos movimentos das mãos, desenvolvendo a coordenação motora fina ligada aos movimentos como o de pinça, ao desenhar, ao pintar, pegar pequenos objetos, assim ela passa a aprender a segurar o lápis de forma correta e quando está desenhando as garatujas os movimentos feitos no papel são estímulos para que ao chegar na pré-escola tenha maior domínio da escrita. O desenho colabora para o desenvolvimento cognitivo como ferramenta para a criatividade, imaginação, expressividade e compreensão do mundo diante da criança.

Entretanto, para que isto ocorra é preciso que o professor desenvolva ao longo das aulas atividades planejadas que envolvam o desenho. Corroborando Tozatto e Silva (2022) destacam que o trabalho com desenho é importante e deve fazer parte do currículo escolar em todas as etapas educativas, e ainda que a mediação do professor/professora, contribui para que

³A psicomotricidade é caracterizada como uma área do conhecimento que utiliza os movimentos físicos para atingir outras aquisições mais elaboradas, como as intelectuais, e durante o processo de ensino, os elementos básicos da psicomotricidade são utilizados com frequência, e cujo desenvolvimento psicomotor é mal constituído, poderá apresentar problemas na escrita, na leitura, na direção gráfica, na distinção de letras (ex: b/d), na ordenação de sílabas, no pensamento abstrato (matemática), na análise gramatical, dentre outras (MOI; MATTOS, 2019 p. 5)

as crianças avancem em seu percurso desenhista, de forma a se apropriar de imagens, ampliação visual e cultural, experimentação de diferentes técnicas de desenho, materiais e suportes aprimoraram a ação desenhista e possibilitaram o desenvolvimento de um percurso criativo e inovador a partir de experiências pedagógicas organizadas pelos professores.

E ações simples, como uma atividade solicitando que os alunos desenhem o local onde moram permite que essa apropriação aconteça. E após a realização desta atividade a proposição de uma roda de leitura, onde os alunos possam comentar sobre os seus desenhos, o que vai permitir que a fala também seja desenvolvida, com relação a esse tipo de atividade:

[...] uma roda de leitura de desenhos de alunos é uma atividade muito produtiva para a aprendizagem, pois é a ocasião em que todos podem falar sobre seu próprio trabalho: como fez, se gostou, que materiais usou, quais dificuldades encontrou. E ainda podem comentar os desenhos dos colegas e aprender com eles (IAVELBERG, 2017, p. 81-82).

Aqui citamos apenas uma atividade que pode ser desenvolvida para se trabalhar com o desenho em sala de aula, mas diversas outras são possíveis, desde que o professor se organize para tanto. Portanto, destacamos a ação mediadora do mesmo frente ao uso do desenho para o desenvolvimento dos alunos da Educação Infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como o desenho infantil contribui para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Para tanto, buscou-se compreender os seus conceitos, a concepção de infância, bem como a relação histórica da criança, que nos permitiu observar que esta saiu de um lugar onde era vista apenas como uma miniatura de adulto para um sujeito de direito, principalmente com relação a educação.

Ainda, especificamos o desenho como forma de linguagem, de forma a refletir sobre as suas contribuições para a aprendizagem e no desenvolvimento da criança. As manifestações artísticas estão presentes no cotidiano das crianças e a partir delas que elas reproduzem sua visão de mundo, e com o desenho ela representa o que sente, o que vê, o que imagina e constrói a partir de símbolos nos quais são únicos para cada uma delas. O desenho infantil colabora significativamente para o desenvolvimento e da aprendizagem da criança e podemos ver diante das diversas discussões sobre a representação gráfica e suas fases, nas quais são especiais juntamente com cada etapa do desenvolvimento infantil.

O desenho cresce e se desenvolve juntamente com a criança na qual se desenvolve a partir das relações humanas determinadas pelo seu contexto histórico cultural. A criança parte da ideia de um sujeito ativo perante sua própria aprendizagem e desenvolvimento e cabe aos professores descobrirem e influenciarem a usar novos métodos para as novas descobertas, essas podendo ser por meio do contato com o lápis, do espaço da folha ou das cores que usa.

É do desenho que os sentimentos mais internos são reproduzidos instintivamente e inconscientemente, a dor e a tristeza podem estar nas cores ou nas linhas mais turvas do desenho. O desenvolvimento motor aparece junto com a expressividade da criança na qual descobre seus movimentos por meio dos primeiros traços partindo facilitando seu encontro com a linguagem escrita. E é do desenho que a imaginação traz consigo os símbolos presentes no inconsciente. O uso do desenho para o desenvolvimento infantil em seus mais diversos aspectos todos contribuem para o desenvolvimento cognitivo em que a criança aprende a partir das diversas relações com o meio e o desenho se torna um processo de construção de conhecimento.

Concluimos que o desenho é muito importante para o desenvolvimento e da aprendizagem da criança e é por isso que não deve ser negligenciado pelos educadores, colocados de lado como apenas uma atividade sem intenções.

A relação do desenho com o desenvolvimento nos mostrou que é cada vez mais importante o olhar do professor perante os desenhos de seus alunos, pois dali podem compreender um universo no qual não se está visível a olho nu. Por meio do desenho o professor tem a chance de desafiar seus alunos as curiosidades da vida, criando oportunidades para que a criança construa seus próprios significados, controlar seu corpo e suas emoções e ser um ser social. A Educação Infantil é a principal porta para o desenvolvimento da criança e da construção do conhecimento.

Contudo, para tanto, se faz necessário destacar que ao fazer uso do desenho em sala de aula o professor precisa realizar um planejamento com objetivos claros de forma a garantir que a atividade tenha significado e realmente promova o desenvolvimento dos alunos.

5 REFERÊNCIAS

- ARÏES, P. **História Social da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BACH, E. L.; PERANZON, V. C. **A história da Educação Infantil no Brasil: fatos e uma realidade**. EFDeportes- Revista Digital. Buenos Aires - Año 19 - Nº 192 - Mayo de 2014. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd192/a-historia-da-educacao-infantil-no-brasil.htm>. Acesso em 21 de ago. de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, 1990.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 10.172**, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2001.
- BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2014.
- CAMPOS, R. BARBOSA, M. C. S. **BNCC e Educação Infantil: Quais as possibilidades?** Revista Retratos da Escola, 2016.
- COUTO, R. C. **A Escolarização Da Linguagem Visual: Uma Leitura Dos Documentos Ao Professor**. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- DERDYK, E. **Formas de Pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- FERRONATTO, S.R.B. **Psicomotricidade e Formação de Professores: uma proposta de atuação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.
- FRANCISCO, R. P. **Pequenos Desvalidos: a infância pobre, abandonada e operária de Juiz de Fora (1888- 1930)**. 343. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- FRANCIOLI, F. A. de S.; STEINHEUSER, D. B. O Desenho como atividade de imaginação e criação na Infância. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 29–52, 2020. DOI: 10.30681/21787476.2020.33.2952. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783>> Acesso em: 29 jul. 2022.
- FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GÓES, M. S. **As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem escrita**. 254f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em

Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

IAVELBERG, R. **O que muda na história:** o desenho da criança ou a cultura didática. In: ESPINOSA, A. M. 30 olhares para o futuro. São Paulo: Centro de Formação da Escola da Vila, 2010

IAVELBERG, R. **Desenho na educação infantil.** São Paulo: Melhoramentos, 2013.

IAVELBERG, R. **O desenho cultivado de criança:** prática e formação de educadores. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil:** a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LIMA, A. P. C. T.; CAMARGO, E. A. A. **A criança fala:** o desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-22, e-17637.081, 2021. Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1976.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, L. W. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** Tradução de: CABRAL, Álvaro. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil.** Barcelona, Porto Civilização, 1969.

MARCÍLIO, M. L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil:** 1726-1950. História social da infância no Brasil. Tradução . São Paulo: Cortez, 2016.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte:** a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MEREDIEU, F. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 1987.

MOREIRA, A. A. A. **O Espaço do desenho: a educação do educador.** 12. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

MOI, R. S.; MATTOS, M. S. **Um breve histórico, conceitos e fundamentos da psicomotricidade e sua relação com a educação.** Anais... 2º Encontro Internacional História e Parcerias, 2019. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/> Acesso em 21 de ago. de 2022.

MOTODA, K. **O Desenho feito por crianças de 8 A 10 anos e como o ensino de artes pode ajudar a evitar o abandono dessa prática.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

PETROVSKY, A. V. **A imaginação.** In LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, R.V. (org.). Ensino Desenvolvimental: antologia. Trad. Ademir Damazio. Livro 1. Uberlândia, MG: EDUFU, 2017.

PIAGET, J. **L'Éducation Artistique et la Psychologie de L'Enfant**. In Art et Education: recueil d'essais. Paris: Unesco, 1954. Pág. 22-23.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RABELLO, N. **O desenho infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores**. 3.ed. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2019.

SANTOS, V. T. dos.; BATISTA, F. M. R. C. **O desenvolvimento da criança na educação infantil por meio do desenho**. Revista Eletrônica. Científica Inovação e Tecnologia, Medianeira, v.8 n.17 2017.

SANS, P. T. C. **Pedagogia Desenho Infantil**. Campinas, Editora Alínea, 2014, 4ª edição.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: CERISARA, A. B (Coords.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SILVA, S. M. C. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SILVA, L. H. G.; STRANG, B. L. S. **A obrigatoriedade da educação infantil e a escassez de vagas em creches e estabelecimentos similares**. Pro-Posições, Campinas, v. 31, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0069>

SOUSA, I. V. **Da garatuja à escrita infantil**. Revista Humanidades e Inovação, v.7, n.8 – 2020. Disponível em: <<file:///D:/Meus%20documentos/Downloads/2488-Texto%20do%20artigo-10060-1-10-20200522.pdf>>. Acesso em: 02 de ago. 2022.

SILVA, S. M. C. **Condições sociais da constituição do desenho infantil**. Psicologia USP.v.9, n.2. São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200008>> Acesso em: 01 de ago. de 2022.

TOZATO, E. B. B.; Silva, R. **O desenho infantil potencializado pelos estudos da cultura visual e pela educação estética**. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-25, e-17581.018, 2022. Disponível em <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor> Acesso em 21 de ago de 2022.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.

